



O Começo

Acheron, Caçador Escuro

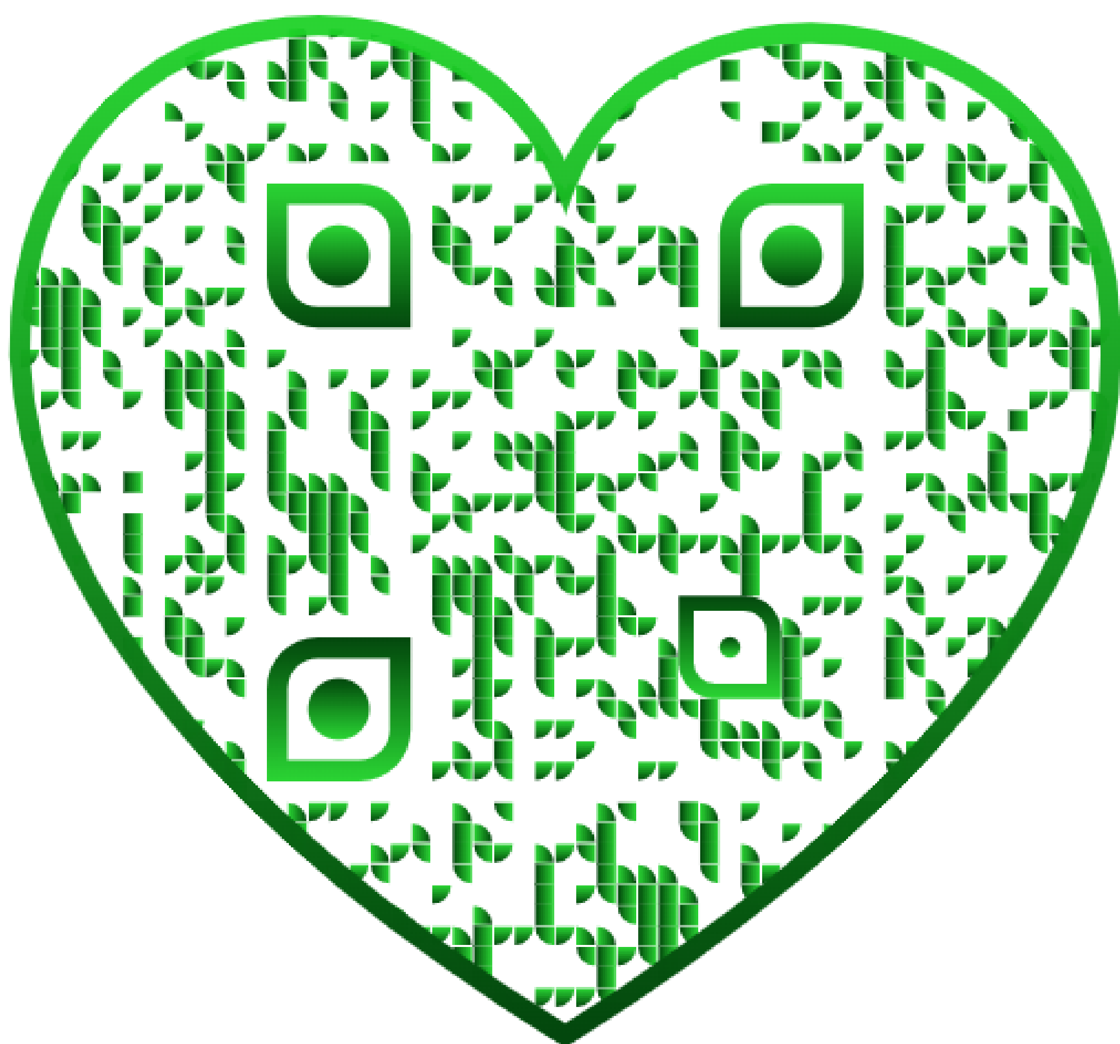
Sherrilyn Kenyon

Disponibilização: Sarah Gomes

Revisão: Lariane

Formatação/Revisão Final: Meli Dumbledore

Arte/Logo: Mare



Grécia, 7382 AC

Acheron sentiu uma presença em suas costas. Virou-se, preparado para atacar, esperando encontrar outro Daimon em busca de combate, mas não havia nenhum. Em seu lugar, encontrou a Simi pendurada de cabeça para baixo em uma árvore, com suas asas de morcego cor vinho pregadas ao redor do pequeno corpo. Vestia uma túnica solta e um manto que a brisa noturna agitava brandamente. Seus olhos de cor vermelho sangue lançavam brilhos espectrais na escuridão, enquanto a larga e escura trança se balançava desde sua cabeça até o chão.

Acheron relaxou e colocou de novo sua espada sobre a grama úmida, observando-o com atenção.

—Onde estiveste, Simi? —perguntou com brutalidade. Levava mais de meia hora chamando o demônio Caronte.

—OH, me balançando por aí, akri! —Respondeu-lhe, sorrindo enquanto se balançava na árvore — Akri sentiu minha falta?

Lançou um suspiro. Gostava muito de Simi, mas desejava ter a um demônio muito mais amadurecido como companhia. Ninguém, nem mesmo tendo ainda três mil anos de idade, entendia o funcionamento de um pequeno demônio de cinco anos.

—Entregaste minha mensagem? —perguntou-lhe.

—Sim, akri - respondeu ela, referindo-se a ele com o término usado na língua dos Atlantes para designar ao “amo e senhor”— O entreguei tal e como me ordenou, akri.

Acheron sentiu que a pele da nuca lhe arrepiava. Algo no tom do Simi não lhe agradava.

—O que tem feito Simi?

—Simi não fez nada, akri. Mas...

Esperou enquanto o pequeno demônio olhava nervoso, a seu redor.

—Mas? —interrompeu-o.

—Simi sentiu fome enquanto voltava.

O terror o deixou gelado.

—Comeu alguém desta vez?

—Não foi um humano, akri. Era algo com chifres na cabeça

como meus. Realmente havia um montão deles. Todos com chifres e fazendo um som estranho, algo assim como: muuu, muuu.

— Refere às vacas? Alimentou-se do gado?

—Isso, akri. Alimentei-me do gado.

—Não é mal então

—Não, de fato é muito bom, akri. Por que não me disse nada sobre as vacas? Assadas estão muito saborosas. Gostei muito.

—E do que se preocupa então?

—Porque esse homem tão alto que tem um só olho, saiu de uma caverna gritando. Disse que Simi era muito malvado por ter comido as vacas e que teria que pagar por isso. O que significa isso, akri? O que é pagar? Simi não sabe o que é pagar.

Acheron desejou poder dizer o mesmo.

—Esse homem tão alto, era um ciclope?

—O que é um ciclope?

—Um filho do Poseidon.

—Ah, já entendo! Isso foi o que disse. Mas não tinha chifres, só uma enorme e calva cabeça.

Acheron não estava interessado em discutir sobre a enorme cabeça do ciclope com seu demônio. O que precisava era saber a forma de consertar o desastre que sempre causava a voracidade do pequeno.

—O que foi o que te disse o ciclope?

—Que estava muito zangado comigo por ter comido o gado. Disse que as vacas com chifres pertenciam ao Poseidon. Quem é Posseidon, akri?

—Um Deus grego.

—OH, já entendo! Simi não está com problemas. Só tenho que matar ao Deus grego e acabará bem.

—Não pode matar a um Deus grego, Simi. Não é permitido.

—Lá vai outra vez, akri, sempre me dizendo não. Não coma isso, Simi. Não mate aquilo, Simi. Vá ao Katoteros, Simi e espera que te chame - cruzando os braços sobre o peito lhe olhou com o cenho franzido—. Eu não gosto que me digam que não, akri.

Acheron fez uma careta diante a dor que começava a sentir na parte inferior da cabeça. Desejava que lhe dessem um louro

(papagaio) em seu 20° aniversário. Este demônio Caronte ia lhe custa à vida, novamente

—E para que chamava Simi, akri?

—Quero que me ajude com os Daimons.

Ela relaxou-se e voltou a balançar-se no ramo.

—Não parece necessitar nenhum tipo de ajuda, akri. Simi acredita que já o faz bastante bem sozinho. Eu gostei em especial aquela vez que fez um Daimon dar uma volta no ar antes de acabar com ele. Foi muito bonito. Não sabia que quando explodissem causavam tantas cores.

Desceu dando uma cambalhota, e colocou-se ao lado de Acheron

—Aonde vamos agora, akri? Me levará outra vez a um lugar gelado? Eu gostei do último lugar onde estivemos. A montanha era muito formosa.

Acheron deteve-se ao escutar o chamado da Artemisa e exasperado, deixou escapar outro enorme suspiro. Estava a ignorando por dois mil anos. E ainda assim, persistia em suas chamadas. Houve um tempo em que ela o procurava utilizando sua forma «carnal», mas Acheron tinha a impedido de seguir utilizando aquela habilidade. Mas, não pôde fazer o mesmo com o vínculo telepático.

—Vêem Simi - disse ao pequeno demônio, começando assim, viagem que lhe levaria de volta ao Therakos. Os Daimons se estabeleceram ali de forma permanente e estavam devorando aos pobres gregos de um povoado próximo.

Acheron. Preciso de sua ajuda. Meus novos Caçadores Escuros necessitam um instrutor.

As palavras da Artemisa lhe paralisaram. Caçadores Escuros? Que demônios significava isso?

—O que tem feito Artemisa? —seu murmúrio viajou no vento até seu templo no Olimpo, onde ela estava.

Vêm e falarei de tudo. Sua voz soou aliviada para ouvidos do Acheron. *Começava a me perguntar se voltaria a escutar sua voz.*

Acheron franziu os lábios. Não tinha tempo para isto.

Acheron?

Ignorou-a. Mas ela não captou a indireta.

Não pode te ocupar sozinho dos Daimons, sua ameaça cresce muito rápido. Precisa de ajuda e eu lhe proporcionei isso.

Achou engraçado imaginar Artemisa ajudando a alguém. Desde o começo dos tempos a deusa grega jamais tinha feito nada por ninguém que não fosse ela mesma.

Me deixe em paz, Artemisa. Você e eu terminamos. Tenho trabalho a fazer, não disponho de tempo para isto.

Muito bem, os enviarei a lutar com os Daimons sem a preparação. Se morrerem não importa, depois de tudo quem se preocupa com um humano? Posso criar mais para que sigam lutando.

Um engano. E em seu interior, Acheron sabia assim. Provavelmente a deusa criaria mais Caçadores Escuros; se já os tinha criado, definitivamente nada lhe impediria de fazer isso. Especialmente se com isso o faria sentir culpado. Maldita Artemisa! Teria que ir de novo ao seu templo. Embora, se lhe deixassem escolher, preferiria que o matassem. Jogou um olhar a seu demônio.

—Simi, preciso fazer uma visita a Artemisa. Retorne a Katoteros e não se meta em confusões até que volte a lhe chamar — o demônio fez uma careta.

—A Simi não gosta de Artemisa, akri. Eu gostaria que deixasse a Simi matá-la. Simi quer lhe arrancar aquele comprido cabelo vermelho.

Acheron entendia muito bem a seu demônio. Simi só tinha visto a Artemisa em uma ocasião, quando ela era ainda mortal. E o encontro tinha sido desastroso.

—Sei Simi. Por isso quero que fique em Katoteros - lhe disse enquanto se afastava. Voltou à cabeça para lhe dizer uma última coisa—. E pelo Acheron, faz o favor de não comer nada até que eu retorne. E menos ainda se tratar de um humano.

—Mas...

—Não, Simi. Nada de comida.

—Não, Simi. Nada de comida - se burlou ela—. A Simi não gosta disto, akri. Katoteros é muito aborrecido. Não há modo de divertir-se. Só gente velha que quer voltar para cá. Ora!

—Simi... - começou com uma implícita advertência na voz.

—Sou todo ouvidos, akri. Escuto e obedeço. Mas, Simi não disse que vá obedecer tranqüilamente — Acheron moveu a cabeça com impotência ante o incorrigível demônio e se tele transportou da terra até o templo da Artemisa no Olimpo.

Parou sobre a ponte de ouro que atravessava o rio. O som da água soava sobre íngreme montanha a seu redor. Tudo seguia igual depois de dois mil anos. A área da cúpula estava cheia de resplandecentes pontes e passeios. Uma névoa cobria os caminhos que levavam para os templos dos distintos deuses. As estadias do Olimpo eram opulentas e excessivas. Moradas perfeitas para o ego dos deuses que as habitavam.

O templo da Artemisa era feito de ouro, coroado por uma cúpula e com colunas de mármore branco. Da sala do trono podia contemplar uma arrebatadora vista do céu e do mundo que se estendia a seus pés. Ou ao menos, assim lhe tinha parecido em sua juventude. Mas isso tudo foi muito antes que o tempo e a experiência tivessem azedado sua visão das coisas. Já não existia nada espetacular nem formoso para ele. Ao seu redor só via a vaidade, o egoísmo e a frieza dos habitantes do Olimpo.

Estes deuses novos eram muito diferentes daqueles com os que Acheron tinha crescido. Todos os deuses de Atlantes, exceto um, tinham sido sensíveis. Neles havia amor, bondade e perdão. Em uma só ocasião permitiram que o medo lhes guiasse; e o engano havia acabado com suas vidas imortais e permitiu aos deuses Olímpicos substituí-los. Um dia desgraçado para os humanos, em mais de um sentido.

Acheron se obrigou a cruzar a ponte que levava até o templo da Artemisa. Dois mil anos atrás tinha abandonado este lugar jurando que jamais retornaria. Deveria ter suposto que, cedo ou tarde, ela faria com que voltasse. Interiormente se contraia pela ira. Usou sua habilidade telecinética para abrir as gigantescas portas douradas. Imediatamente, foi recebido por um algazarra de gritos que ameaçavam perfurar seus tímpanos. As donzelas de Artemisa não eram acostumadas a homens nos domínios privados de sua deusa. A deusa gritou ante o estridente som e fez desaparecer

a todas.

— Mataste as oito? —perguntou Acheron.

Artemisa esfregou os ouvidos.

—Isso deveria ter feito; mas não. Simplesmente as joguei ao rio.

Muito surpreso Acheron a olhou fixamente. Isso era impróprio da deusa que ele recordava. Possivelmente os últimos dois mil anos lhe tivessem ensinado a mostrar-se compassiva e piedosa. Entretanto, a conhecia e isso era bastante improvável.

Assim que ficaram sozinhos, Artemisa levantou-se do trono de marfim rodeado de almofadas e se aproximou dele. Vestia um diáfano peplo branco que se aderia a cada uma das curvas de seu voluptuoso corpo. Seus cachos, de um vermelho profundo, lançavam brilhos sob a luz. Os brilhantes olhos verdes davam uma cálida bem-vinda. Seu olhar o penetrou como uma lança ardente. Aguda. Dolorosa. Sabia de antemão que voltar a vê-la ia ser difícil. Isso tinha sido uma das razões para ignorar suas chamadas. Mas saber e experimentar eram duas coisas muito diferentes. Não estava preparado absolutamente para as emoções que lhe embargavam agora que voltava a vê-la. O ódio. A traição. E o pior de tudo: o desejo. A fome. Uma parte dele ainda a amava; desejava perdoá-la. Tudo, inclusive sua morte.

—Que bom aspecto tem Acheron. Possivelmente está ainda mais bonito do que da última vez que nos vimos - disse estendendo um braço para lhe tocar. Ele retrocedeu um passo.

—Não vim conversar, Artemisa. Eu...

—Estava acostumado a me chamar Artie.

—Estava acostumado a fazer muitas coisas que já não faço - respondeu lhe dirigindo um duro olhar destinado a trazer para sua memória tudo o que lhe tinha arrebatado.

— Ainda está zangado comigo.

—É nisso acredita? —os olhos da deusa ardiam com um fogo esmeralda que lhe fez recordar o demônio que habitava no interior do corpo divino.

—Sabe perfeitamente que poderia ter obrigado você vir. Fui muito tolerante com sua atitude desafiante, mas do que devia.

Acheron abriu o olhar, consciente de que dizia a verdade. Artemisa controlava a fonte de alimentação que ele necessitava para sobreviver. Se permanecia muito tempo sem comer, convertia-se em um assassino incontrolável. Um perigo para todo aquele que lhe aproximasse. Só Artemisa tinha a chave que o fazia manter-se cordato e inteiro. Que o fazia ser misericordioso.

—Por que não me obrigou a vir? —perguntou-lhe.

—Porque te conheço. Se o tivesse feito, faria com que nós dois pagássemos as conseqüências.

De novo estava no certa. Seus dias de submissão ficavam muito longe. Tinha tido suficiente durante sua infância e sua juventude. Uma vez provando o que eram a liberdade e o poder, havia gostava muito para retornar ao que tinha sido sua existência anterior.

— Me fale destes novos Caçadores Escuros —lhe disse— Por que criaste mais seres como eu?

—Já lhe disse isso. Precisa de ajuda.

—Não preciso disso.

—Tanto eu como o resto dos deuses creditamos que precisa.

—Artemisa… - pronunciou seu nome com um grunhido, sabendo que ela mentia. Ele era muito capaz de controlar e matar aos Daimons que se comiam os humanos— Te juro que…

Apertou os dentes ante a lembrança dos dias seguintes a sua conversão. Não havia tido a ninguém que mostrasse o caminho. Ninguém que explicasse o que precisava fazer. Como sobreviver. As regras que ligavam a noite. Os novos Caçadores estariam perdidos. Confundidos. E o pior de tudo, seriam tremendamente vulneráveis até que aprendessem a usar seus poderes. Maldita Artemisa!

—Onde estão?

—Esperando no Falossos. Escondem-se em uma caverna que os protege do sol. Mas não estão seguros do que devem fazer nem de como achar aos Daimons. Necessitam de um líder.

Acheron não queria fazê-lo. Não precisava guiar a ninguém, do mesmo modo que não queria estar sob as ordens de ninguém. Não queria relacionamentos com outras pessoas. Tão único tinha querido durante toda sua vida era que lhe deixassem sozinho.

Quando pensava em ensinar outros... Gelava seu sangue. Era tentadora a idéia de seguir seu próprio caminho, mas sabia que não podia fazê-lo. Se não treinava os homens na arte da luta contra os Daimons, acabariam mortos. E morrer sem alma era uma existência pouco agradável. Ele, mais que qualquer outro mortal, podia assegurar.

—De acordo - disse—. Os treinarei.

Artemisa sorriu. Acheron saiu disparado do templo, retornando ao lugar onde esperava Simi para lhe dizer que aguardasse um pouco mais. O demônio seria uma complicação extra a já dificultosa missão. Quando se convence da obediência de Simi, se tele transportou ao Falossos. Encontrou três homens juntos na escuridão, tal e como Artemisa havia dito. Falavam em voz baixa entre eles, agrupados ao redor de uma pequena fogueira em busca de calor; o resplendor das chamas irritava os olhos, que estavam lacrimejando. Já não eram olhos humanos e não suportavam o brilho procedente de nenhuma fonte de luz. Tinha muito que ensinar. Aproximou-se deles, surgindo das sombras.

—Quem é? —perguntou o mais alto dos três logo que o viu. Sem dúvida era um Dorio. De cabelo comprido e negro, alto, de constituição musculosa e ainda vestido com sua armadura de guerra, que necessitava claramente ser recuperada.

Os outros dois homens eram gregos, ambos loiros e com armaduras em estado similar a do primeiro. O mais jovem, tinha um buraco no centro do peitilho ocasionado pela fêmea de javali que tinha acertado o coração. Estes homens não podiam sair e misturar-se com os humanos vestidos assim. Precisavam cuidados e descanso. E instrução. Acheron abaixou o capuz, deixando descansar sobre o manto negro e olhou para cada um dos três homens. Quando perceberam o brilho prateado de seus olhos, todos eles empalideceram.

—É um deus? —Perguntou o mais alto— Nos falaram que os deuses nos castigariam com a morte se nos apresentássemos diante deles.

-Sou Acheron Parthenopaeus - respondeu tranqüilamente—. Artemisa me envia para lhes instruir.

—Sou Callabrax do Likonos - disse o mais alto. Assinalou ao homem que se encontrava a sua direita—; Kyros do Seklos - e por último ao mais jovem do grupo— e Is da Groesia.

Is permaneceu um pouco mais atrás do que os outros dois, tinha os olhos escuros e muito fundos. Acheron podia escutar os pensamentos do homem com a mesma claridade que os seus próprios. A dor daquele homem o assaltava e fazia que seu estômago se contraísse.

—Quanto tempo faz que foram criados? —perguntou-lhes.

—Umas quantas semanas em meu caso - respondeu Kyros. Callabrax assentiu com a cabeça.

—No meu também.

Acheron olhou a Is.

—Faz dois dias - respondeu o interpelado com voz inexpressiva.

—Ainda sofre os estragos da conversão - comentou Kyros—. Eu demorei quase uma semana antes de poder… acostumar-me.

Acheron reprimiu a vontade de lançar uma risada amarga. "Acostumar-se" era uma boa palavra para definir

—Matastes já algum Daimon? —perguntou de novo.

—Tentamos - respondeu Callabrax—, mas é muito diferente de matar soldados. São mais fortes, mais rápidos. Não é fácil acabar com eles. Perdemos dois dos nossos lutando contra esses seres.

Acheron estremeceu diante da idéia de dois homens sem preparação enfrentando os Daimons e da espantosa existência que lhes aguardava depois de mortos. Então apareceu em sua mente a lembrança de sua primeira luta. A afastou.

—Comestes já esta noite? —Os três homens assentiram com a cabeça como modo de resposta— Então me sigam e lhes ensinarei o necessário para que aprendam a matá-los.

Trabalhou com eles até que o amanhecer esteve perto. Compartilhou tudo o que foi possível ensinar em uma só noite: novas táticas, os lugares mais vulneráveis de um Daimon, e a forma de alcançar esses pontos débeis. Quando a noite se afastava, os acompanhou de volta à caverna.

—Encontrarei um lugar mais apropriado para que se ocultem da luz do dia — prometeu.

—Sou Dorio - lhe respondeu Callabrax com orgulho—. Não preciso de mais que o que agora possuo.

—Mas nós não - replicou Kyros—. Uma cama nos viria muito bem a Is e a mim. E um banho ainda mais.

Acheron inclinou a cabeça e fez um gesto a Is para que saísse da cova. Esperou que o homem passasse junto a ele e o seguiu, mostrando suas intenções de manter uma conversa longe do alcance de seus companheiros.

—Quer ver de novo sua esposa - disse Acheron sem nenhum preâmbulo. Is lhe olhou perplexo.

—Como sabe?

Não lhe respondeu. Ainda quando era humano tinha odiado as perguntas muito pessoais, posto que a maioria delas acabavam em conversas nas que não estava interessado. Traziam para a mente lembranças que preferia manter enterrados. Fechou os olhos e deixou que sua mente vagasse, cruzando o cosmos até encontrar à mulher que atormentava a mente do grego. Liora. Uma mulher formosa de cabelo negro e olhos de um azul tão claro como o mar. Não era por pouco que Is sentia saudades. Nesse momento, Liora se encontrava chorando, prostrada de joelhos.

-Por favor —rogava aos deuses— Por favor, me devolvam a meu amor. Por favor, deixem que meus filhos voltem a ter a seu pai em casa.

Acheron gostou da mulher ao ser testemunha de seus temores. Ninguém tinha contado o acontecido. Ela rogava pela segurança de um homem que já não se encontrava nas filas dos vivos. O assunto obcecou Acheron.

—Compreendo sua tristeza - confessou a Is—. Mas não pode deixar que o vejam em seu atual estado. Se voltar para casa despertará seu medo. Tentarão te matar.

Os olhos do homem se encheram de lágrimas e quando falou, as presas se afundaram levemente em seus lábios.

—Liora não tem a ninguém que a cuide. Era órfã e meu irmão morreu um dia antes que eu. Não há ninguém que vele por meus

filhos.

—Não pode retornar.

—Por que não? —Perguntou Is com zango—. Artemisa disse que podia me vingar do homem que me matou e uma vez cumprida minha vingança poderia seguir vivendo para servi-la. Não disse nada de que não pudesse retornar a casa.

Acheron apertou com mais força sua espada.

—Is, pensa um instante. Já não és humano. Como crê que reagiria a gente do povo se retornasse com umas presas enormes e os olhos negros? Não pode sair à luz do dia. Deve lealdade a toda a humanidade, não só a sua família. Ninguém pode assumir essas duas responsabilidades de uma vez. Jamais poderá retornar.

Os lábios do grego tremeram, mas assentiu ao compreender.

—Salvarei aos humanos enquanto minha família, que é inocente, morre de fome porque não tem a ninguém que lhes proteja. Então, esse é o trato?

Acheron apartou o olhar ante a dor que sentiu no coração pelo sofrimento de Is e sua família.

—Volta para dentro com os outros - lhe disse. Observando como o grego entrava na caverna, repassava a conversão em sua cabeça. Não podia deixar isto assim. Ele podia cuidar-se sozinho, mas os outros… Fechou os olhos e se transportou frente à Artemisa.

Esta vez, a deusa paralisou as cordas vocais de suas donzelas antes que as mulheres pudessem chiar.

—Nos deixem — ordenou.

As mulheres se apressaram para a saída tão rápido como permitiam suas pernas, e deixaram que a porta se fechasse atrás delas com um sonoro som. Logo que ficaram a sós, Artemisa lhe dedicou um sorriso.

—Retornaste. Não esperava vê-lo tão logo.

—Não comece Artemisa - advertiu refreando os gracejos da deusa antes que continuasse a falar mais— Basicamente retornei para brigar com você.

—Para que?

—Como ousa mentir para os homens de quem toma o seu

serviço?

—Eu jamais minto.

Acheron arqueou uma sobrancelha. Repentinamente incômoda Artemisa limpou a garganta e sentou em seu trono.

—Você é diferente e não te menti. Simplesmente esqueci-me de mencionar um par de coisas.

—Deixa de recursos semânticos, Artemisa, não se trata de mim. Estamos falando do que tem feito com estes homens. Não pode abandonar a esses pobres bastardos como tem feito.

—E por que não? Não te custou trabalho continuar adiante com seus próprios meios.

—Eu não sou igual a eles, e você sabe muito bem. Não havia nada em minha vida que me fizesse desejar retornar para ela. Nem família nem amigos.

—Com uma exceção. Acaso eu não era nada?

—Um engano que estive lamentando durante os últimos dois mil anos.

O comentário fez que o rosto da Artemisa avermelhasse; desceu do trono e mais dois degraus até chegar à altura do Acheron.

—Como te atreve a me falar assim!

Acheron tirou o manto de com um puxão e o jogou em um lugar da sala junto com a espada, estava zangado.

—Me mate por minha insolência, Artemisa. Vamos, nos faça um favor aos dois, livra-me do infortuno de continuar vivo.

A deusa tentou lhe esbofetear, mas Acheron capturou sua mão e a olhou fixamente nos olhos. Artemisa contemplou o ódio naquele olhar, a dura condenação. Seus coléricos fôlegos se misturavam e o ar que lhes rodeava explodiu com fúria ante o choque de seus respectivos poderes. Mas não era sua fúria o que ela procurava. Não, a sua fúria jamais. Deslizou o olhar por seu corpo, pelos perfeitos ângulos de seu rosto, suas aguçadas maçãs do rosto, seu nariz aquilino. Seus olhos se detiveram no negror de seus cabelos, no espectral brilho prateado de seus olhos. Jamais houve mortal que pudesse equiparar a perfeição física de Acheron. E não só sua beleza conseguia atrair às pessoas. Não foi sua beleza

que a cativou. Foi aquele estranho carisma, seu poder, sua força, seu encanto, sua inteligência, sua determinação. Contemplá-lo era querê-lo. Observá-lo era desejar suas carícias. Tinha sido criado para agradar e treinado para proporcionar prazer. Absolutamente tudo em sua pessoa - dos definidos músculos até a profunda e erótico tom de sua voz— seduzia a qualquer uma que se encontrasse com ele. Movia-se como um animal selvagem e letal, seus movimentos transmitiam perigo e poder. Virilidade. Prometiam um gozo sexual supremo. E cumpria à perfeição. Era o único homem que tinha conseguido debilitá-la. O único homem que tinha amado. E tinha o poder de acabar com ela. Ambos eram conscientes dessa realidade. E o fato de que não utilizasse esse poder sempre tinha resultado intrigante e provocador. Erótico e sedutor. Tragou a saliva e recordou a primeira imagem que teve dele. Sua força. A paixão. Colocou-se de pé, em seu templo, rindo-se desafiante enquanto ela o ameaçava de morte. E ali, diante de sua estátua, atreveu-se a fazer o que nenhum outro homem tinha feito antes nem depois… ainda podia saborear aquele beijo. Ao contrário que o resto dos homens, ele jamais a tinha temido. Agora, o calor da mão do Acheron sobre sua carne a incendiava, mas sempre tinha sido assim. Não desejava nada mais além do sabor de seus lábios e o fogo de sua paixão.

E com um simples engano o havia perdido. Queria chorar de desilusão. Em uma ocasião, muitos anos atrás, tinha tentado fazer retroceder o tempo para desfazer o sucesso daquela manhã. Para voltar a ganhar a confiança e o amor do Acheron. As Parcas a castigaram com severidade por sua audácia. Durante os últimos dois mil anos tinha tentado de tudo para atraí-lo de novo a seu lado. Nada tinha dado resultado. Nada tinha feito com que ele a perdoasse nem que voltasse para seu templo. Até que lhe ocorreu algo ao que Acheron jamais poderia negar-se: salvar a alma de um humano. Ele faria algo por salvá-los. Seu plano de fazê-lo responsável pelos Caçadores Escuros tinha funcionado, e agora estava ali. Se tão somente pudesse lhe reter…

—Quer que os libere? —perguntou-lhe. Faria tudo por ti.

—Sim.

Mas você não faria nada por ela. Não, ao menos se o obrigasse.

—O que faria por mim, Acheron? Já conhece as normas. Um favor requer outro em troca.

Ele a liberou com uma furiosa maldição, afastando-se.

—Aprendi muitas coisas mais importantes do que este joguinhos.

Artemisa encolheu os ombros com uma indiferença que realmente não sentia. Nesse momento estava em jogo o que mais lhe importava. Se Acheron dizia que não, destruiria-a.

—De acordo. Seguirão sendo Caçadores Escuros então. Sem ninguém que lhes ensine o que precisam saber. Sem ninguém que se preocupe com o que possa acontecer.

Acheron deixou escapar um comprido e cansado suspiro. Queria consolá-lo, mas sabia que ele repeliria o mais leve toque de sua mão. Sempre repelia o consolo. Ninguém tinha direito a possuir essa força Quando seus olhos se encontraram, o olhar prateado provocou um eloqüente e sensual calafrio.

—Se devem servir a ti e ao resto dos deuses, eles precisam de certas coisas, Artemisa.

—Como o quê?

—Armaduras, por exemplo. Não pode enviá-los a lutar sem isso. Precisam de dinheiro para comprar comida, roupa, cavalos e inclusive serventes que os vigiem durante o dia enquanto descansam.

—Pede muito.

—Só o necessário para assegurar sua sobrevivência.

—Jamais pediu nada disso para ti mesmo - e isso a feria. Mas ele nunca pedia nada.

—Não preciso de comida e meus poderes me permitem conseguir. E tenho ao Simi para me proteger. Não sobreviverão sozinhos.

- Ninguém sobrevive sozinho, Acheron. Ninguém. Nem sequer você. Nem eu.

Artemisa elevou o queixo, decidida a mantê-lo a seu lado sem pensar nas conseqüências.

—De novo te pergunto o que me dará em troca de todo isso?

Acheron afastou o olhar, suas vísceras se contraíram. Sabia o que ela procurava, e não tinha nenhuma intenção de entregar-lhe

—Tudo é para eles, não para mim.

A deusa encolheu os ombros.

—De acordo, podem seguir adiante sem nada, posto que não possuem nada com o que negociar.

A fúria estalou no mais profundo de seu ser diante da indiferença da Artemisa pelas vidas e o bem-estar daqueles homens. Não tinha mudado.

—Maldita seja, Artemisa.

Ela se aproximou lentamente.

—Quero-te, Acheron. Quero que volte a ser o mesmo de antes.

Estremeceu em seu interior ao sentir a mão da Artemisa sobre sua face. Jamais voltariam a compartilhar o que tinham antigamente. Tinha aprendido muito. Sua traição tinha sido muito grande. Poderia dizer que aprendia devagar, mas não era de tudo certo. Tinha estado tão desesperado por encontrar a alguém que se preocupasse com ele, que tinha ignorado a faceta escura do caráter da deusa. Até que lhe deu as costas e o deixou morrer. Algumas atitudes eram difíceis de perdoar. Seus pensamentos retomaram o rumo de novo, voltando para os homens da caverna. Homens que não sabiam nada a respeito de sua nova existência nem de seus inimigos. Não podia os abandonar assim. Já era o culpado da morte de muitas pessoas. Não podia, não, permitir que perdessem suas vidas nem suas almas.

—Está bem, Artemisa - continuou—; minhas condições são as seguintes: pagará uma quantidade todos os meses que permita a eles comprarem o que necessitarem. Como já te disse antes, precisarão de Escudeiros que os cuidem de modo que não tenham que preocupar-se com a comida, pelas roupas nem pelas armas. Não quero que nada disso os distraia de seu trabalho.

—De acordo, procurarei alguns humanos que sirvam de Escudeiros.

—Vivos Artemisa. Quero serventes que ajudem livremente;

nada de mais Caçadores.

— Só quatro não é suficiente. Necessitamos de mais para ter aos Daimons em xeque.

Acheron fechou os olhos ao compreender que com isto, sua relação não teria fim jamais. Via o futuro com total claridade e até onde chegavam às conseqüências das decisões que estavam tomando nesse momento. Com um maior número de Caçadores, mais poder teria Artemisa sobre ele. Não havia forma de impedir que o mantivesse ligado a ela eternamente. Ou havia?

—Muito bem — respondeu—. Cederei neste ponto se estiver de acordo em encontrar o modo de liberar os serviço deles.

—O que quer dizer?

—Quero que encontre o modo de que os Caçadores Escuros recuperem suas almas, de forma que não estejam submetidos a sua vontade se algum dia escolhem ser livres.

A deusa retrocedeu uns passos. Isto não tinha previsto. Se concedia, ele também poderia liberar-se.

Poderá me abandonar.

Tinha esquecido Tão vil Acheron podia chegar a ser; Tão bem conhecia as regras do jogo e Tão capaz era das manipular para obter sua colaboração. Era igual em tudo. E de todos os modos, se não lhe concedia este último desejo, deixá-la-ia. Não tinha outra opção, e ele sabia. Não obstante, ainda havia coisas que o manteriam a seu lado. Ela conhecia a maneira de assegurar-se sua companhia para toda a eternidade.

—Estupendo. Fixemos as regras para controlá-los - ao dizer isso, os pensamentos do Acheron voltaram para Is e ela percebeu claramente. Compadecia do pobre soldado grego que ainda amava a sua esposa. A piedade, a misericórdia e a compaixão seriam sempre seu ponto débil.

—Em primeiro lugar: devem morrer para poder reclamar suas almas.

—Por quê? —inquiriu ele.

—Uma alma só pode abandonar seu corpo no momento da morte. Do mesmo modo, só pode voltar para um corpo que não tenha vida. Enquanto estes homens sigam "vivendo" como

Caçadores, não poderão recuperar suas almas. Não sou eu a que estabeleceu estes princípios, Acheron, é simplesmente a natureza das almas que faz que o processo seja assim.

Acheron franziu o cenho.

—E como pode morrer um Caçador Escuro imortal?

—Bem, podemos lhe cortar a cabeça ou expô-lo à luz do sol; mas esses métodos deixam o corpo ferido além de qualquer padre, não serviria.

—Não tem nenhuma graça.

E o que lhe pedia tampouco. Não queria liberar esses homens, queria s mantê-los em seu serviço. Não queria liberá-los para ele.

—Terão que despojar os de seus poderes — informou—. Fazer que seus corpos imortais sejam vulneráveis aos ataques físicos e depois conseguir que seus corações deixem de pulsar. Só então morrerão da forma adequada para que suas almas possam voltar a habitar seus corpos.

—Muito bem, posso consegui-lo.

—Em realidade, você não pode.

—E isso o que significa?

Artemisa se obrigou a ocultar o sorriso que produzia a satisfação de o ter onde queria.

—Há umas quantas premissas sobre as almas que deve conhecer Acheron. Alguém que é dono deve abandoná-la voluntariamente; posto que sou eu quem possui suas almas...

Acheron soltou um palavrão.

—Terei que negociar contigo cada vez que queira liberar uma alma.

Ela assentiu. Não parecia muito contente com a confissão. Mas o aceitaria com seu devido tempo. Definitivamente teria que aceitá-lo...

—Que mais? —voltou a perguntar.

E agora a premissa que o uniria a ela para toda a eternidade.

—Só um coração puro e nobre pode devolver a alma a seu corpo. Essa pessoa deve querer ao interessado por cima de tudo; e o Caçador deve confiar nela.

—Por quê?

—Porque a alma precisa de uma motivação para mover-se ou ficará onde está. Eu utilizei a vingança para ficar com elas. Só uma emoção igualmente forte fará com que a alma volte para seu corpo. E como e escolho a emoção que deve ser, escolhi o amor: a mais nobre e formosa das emoções. Tão única merece ser correspondida.

Acheron observava com atenção o chão de mármore enquanto as palavras da deusa flutuavam a seu redor. Amor. Confiança. Muito fácil de dizer. Dois conceitos poderosos. Invejava aqueles que conheciam seu verdadeiro significado. Ele não tinha experiência alguma. Em seu lugar, conhecia a traição, a dor, a degradação, a suspeita e o ódio. Essa era sua existência. Isso era o que tinham lhe ensinado. Uma parte dele queria sair dali e não voltar a ver a Artemisa jamais.

«me devolva a meu amado. Por favor, farei qualquer coisa para voltar tê-lo em casa…»

As palavras da Liora ressonavam em sua cabeça; ainda podia escutar seu pranto e sentir seu sofrimento. E o de Is cada vez que pensava em sua esposa e em seus filhos, preocupado por seu bem-estar. Ele nunca tinha conhecido essa classe de amor desinteressado. Nem antes de sua morte, nem depois.

—Me dê a alma de Is.

Artemisa lhe olhou, arqueando as sobrancelhas.

—Está disposto a pagar o preço que peço por ela e cumprir os términos que dispus para que todas as demais sejam liberadas?

Sentiu que seu coração se afundava diante daquelas palavras. Recordava o inexperiência que tinha anteriormente.

«Tudo tem um preço, moço. Nada é grátis».

Seu tio se encarregou de ensinar o quanto que custava sobreviver. E tinha pagado com acréscimo por tudo desde comida, até a roupa, ou um lugar onde viver. Tinha pagado com sangue e suor. Havia coisas que não mudavam jamais.

—Sim - respondeu—. Estou de acordo. Nota promissória.

A deusa sorriu.

—Não esteja tão triste, Acheron. Prometo-te que vais

passar o bem.

De novo, retorciam as tripas. Já tinha escutado essas palavras antes.

Estava entardecendo quando retornou à caverna. Não ia sozinho; junto a ele caminhavam dois homens e quatro cavalos.

—O que é tudo isto? —perguntou Callabrax.

—Seu escudeiro e o do Kyros. Vieram os escoltar até as vilas onde irão viver. Se ocuparão todas suas necessidades. Eu voltarei mais tarde para finalizar o treinamento.

—E eu o que? —perguntou Is.

—Você vem comigo.

Acheron esperou até que os outros dois estiveram em seus cavalos e partiram antes de voltar para falar com Is.

—Está preparado para voltar para casa?

O homem parecia genuinamente surpreso.

—Mas disse que...

—Estava equivocado. Pode retornar.

—E o juramento que fiz a Artemisa?

—Já me encarreguei disso.

Is o abraçou como a um irmão. Acheron se encolheu ante o contato, ainda mais porque tinha as costas coberta de machucados. Mas, doeram ainda mais os da alma. Muito amavelmente, afastou a Is.

—Me acompanhe, vou levar você para casa.

Acheron tele transportou-se e a Is até a pequena granja. Sua esposa acabava de deitar os meninos. Seu formoso rosto perdeu a cor ao vê-los junto na chaminé.

—Is? —Perguntou enquanto piscava—. Me disseram esta manhã que tinha morrido.

O homem negou com a cabeça. Seus olhos brilhavam.

—Não, meu amor. Estou aqui. Voltei para casa, a seu lado.

Acheron respirou fundo ao ver Is aproximar-se rapidamente de sua esposa para abraçá-la com força. Passou muito tempo antes que se acalmasse a dor de suas costas.

—Ainda há um par de detalhes, Is - murmurou Acheron.

Is se separou de sua esposa franzindo o cenho.

—Sua esposa deve devolver sua alma a seu corpo.

Liora o olhou carrancuda.

—O que?

—Jurei servir a Artemisa - explicou seu marido—, mas vai liberar me para poder retornar junto a ti.

A mulher parecia confusa ante aquelas palavras.

—O que temos que fazer? —perguntou Is.

—Terá que passar de novo o transe da morte.

O homem perdeu a cor do rosto.

—Está seguro?

Acheron assentiu e estendeu sua adaga a Liora.

—Terá que atravessar seu coração.

Liora estava horrorizada e, certamente pálida ante a idéia.

—O que?

—É a única forma.

—Isso é um assassinato. Me enforcarão.

—Não, prometo-lhe isso.

—Faz Liora — insistiu Is—. Quero retornar a seu lado.

Com uma expressão cética no rosto, a mulher tomou a adaga e tentou cravar-lhe a seu marido no peito. Não funcionou. A folha unicamente arranhou a pele.

Acheron sorriu ao recordar as palavras da Artemisa sobre os poderes dos Caçadores Escuros. Nem um humano extraordinariamente forte poderia ferir um deles com uma adaga. Mas ele sim. Agarrando a adaga da mão da Liora, atravessou limpamente o coração de Is.

O homem cambaleou para trás, ofegando.

—Não se assuste — disse Acheron enquanto o ajudava a estender-se no chão junto ao fogo—. Já tenho.

Acheron alargou o braço e arrastou a Liora junto a seu marido. Tirou de sua bolsa o medalhão pétreo que continha a alma de Is.

—Tem que agarrar isto quando morre, para que sua alma seja liberada e retorne a seu corpo.

—Como? —perguntou ela.

—Segura o medalhão sobre a tatuagem em forma de arco e

flecha.

Esperou até que o homem estava a um passo da morte e estendeu o medalhão a Liora. Ao recebê-lo, a mulher gritou e o jogou no chão.

—Está ardendo! —gritou dolorida.

Is ofegava lutando por manter-se com vida.

—Recolhe-o - ordenou Acheron a Liora enquanto ela soprava sobre sua mão e agitava a cabeça expressando sua negativa.

—O que passa contigo mulher? —Perguntou Acheron—. Vai morrer se não o salva. Recolhe sua alma.

—Não.

—Não? Como que não? Escutei seus rogos pedindo que voltasse junto a ti. Disse que daria algo em troca de que seu amado retornasse.

Liora deixou cair à mão e lhe lançou um frio olhar.

—Is não é meu amado. É Lycantes. Por ele rezava e agora está morto. Disseram-me que o fantasma de Is o matou em vingança, posto que foi Lycantes o matou na metade da batalha. Dessa forma poderíamos estar juntos e criar a nossos filhos.

As palavras da Liora deixaram ao Acheron estupefato, incapaz de falar. Observou Is e viu refletido a dor em seus olhos antes que a morte os deixasse inexpressivos. Com o coração martelando, recolheu o medalhão e tentou liberar ele mesmo a alma. Não funcionou. Furioso, paralisou a Liora e a matou por suas más ações.

—Artemisa! —gritou olhando ao teto.

A deusa apareceu na cabana.

—Salva-o.

—Não posso modificar as regras, Acheron. Expus-te as condições e esteve de acordo.

Ele se aproximou até a mulher que agora parecia uma estátua humana.

—Por que não me disse que ela não o amava?

—Ao igual a você, não tinha modo de saber - seus olhos perderam o brilho e continuou falando—, inclusive os deuses cometem enganos.

—Por que não me disse ao menos que o medalhão lhe queimaria a mão?

—Porque não sabia. Não me queimou, e a ti tampouco. Jamais o havia dado a um humano.

Acheron sentia um forte zumbido na cabeça, provocado pela culpa e a dor. Pelo ódio que sentia para si mesmo e Artemisa.

— O que acontecerá a Is agora?

—É uma Sombra. Sem corpo nem alma, sua essência está apanhada no Katoteros.

Acheron rugiu de dor diante suas palavras. Acabava de matar a um homem e de sentenciá-lo a um destino muito pior que a morte. E por quê? Por amor? Por piedade?

Pelos deuses! Era tão estúpido… devia ter formulado as perguntas adequadas; ele, melhor que ninguém, sabia que não devia confiar no amor de outra pessoa. Maldito seja! Nunca iria aprender? Artemisa se aproximou e tomou o queixo, elevando a cabeça para olhá-lo diretamente aos olhos.

—Me diga Acheron, confia o suficiente em alguém para que libere sua alma?

Fim ??